

TERRITORIALIDADE DA DINÂMICA FESTIVA NA VILA DO CRAVO, CONCÓRDIA DO PARÁ/PA

Lorrany Brasil Seixas¹
Gabriela de Jesus Gama da Silva²

RESUMO

O presente artigo é resultado parcial da pesquisa desenvolvida para realização do trabalho de conclusão de curso sobre territorialidades da dinâmica festiva na comunidade Vila do Cravo, em Concórdia do Pará no nordeste paraense. A pesquisa tem por objetivo analisar o circuito de festas da comunidade enquanto *locus* de sociabilidade, a partir do trabalho de campo realizado em 2017, participando das festas tradicionais, tendo em vista que faz parte o modo de vida dos camponeses ali residentes. Este circuito envolve uma territorialidade conformando um calendário de festas exclusivo da Vila, conformando uma trajetória de práticas e saberes estruturando toda uma dimensão simbólica no cotidiano da comunidade. Para a construção deste artigo tivemos como metodologia a pesquisa de campo, observação participativa, levantamento bibliográfico e entrevistas.

Palavras-chave: territorialidade, dinâmica festiva, Vila do Cravo.

INTRODUÇÃO

A Vila do Cravo (também conhecida comunidade do Cravo), localizada no KM 35 da Rodovia PA-140, sabida nas comunidades vizinhas por seu calendário festivo. É uma comunidade camponesa que tem forte ligação religiosa e com o roçado, além de festas que podem ser ligadas a prática religiosa ou não. A pesquisa tem por objetivo analisar o circuito de festas (não religiosas) da comunidade enquanto *locus* de sociabilidade e afirmação de identidade, tendo em vista que faz parte o modo de vida dos camponeses ali residentes.

Metodologicamente, tivemos o trabalho de campo como principal meio para conhecer a comunidade e suas especificidades, através da observação participante e entrevistas com residentes da vila, donos das sedes e balneários, DJs de aparelhagem, e os que promovem as festas do tipo carretinha³. Aliado a isso temos a pesquisa bibliográfica, indispensável para a análise das dinâmicas percebidas, principalmente em pensar a vila como território em disputa, a partir dos múltiplos conflitos que se forjam, seja pela expansão capitalista, através do plantio do Dendê por parte da Biopalma, seja por conflitos que fazem parte do cotidiano (como o conflito entre festa tradicional e carretinha que trataremos mais a frente).

¹Universidade do estado do Pará, email: lorrybrasil@yahoo.com.br

² Universidade do estado do Pará, e-mail: gabi-gama1@hotmail.com

³São pequenas ou médias estruturas de som que são transportadas em carros particulares.

O HISTÓRICO FESTIVO DA VILA DO CRAVO

A priori, destacamos que esse calendário não é recente e que a comunidade do Cravo tem seu histórico festivo antigo, embora os modos de festejar tenham se modificado. Classificaremos neste artigo as festas realizadas na vila como religiosas ou não-religiosas, e trabalharemos somente com esta última.

As festas e festejos sempre estiveram presentes na trajetória do Cravo. Geralmente as festas se originavam de motivos que partiam de afazeres do cotidiano desses sujeitos, como: plantio, colheita, derrubada de roça, dia de santo, campeonatos de futebol e etc. Festa e trabalho agrícola estavam intimamente ligados como no caso das festas de rabeça⁴, que aconteciam ao final de mutirões comunitários para a derrubada de roça.

“Talvez as festas não religiosas mais típicas da comunidade no Cravo presente na memória dos moradores seja as “festas de rebeca”, animadas pelos músicos Raimundo Quirino e Cazuzinha. Fala-se de festas que aconteciam todos os sábados na casa de um dos moradores da comunidade, em que os casais dançavam “agarrados” e que “iam até altas horas da noite”, das 7 da noite às 7 da manhã.” (COSTA e MACEDO, 2010, p.107)

Esta, assim como outras festas, animava o Cravo. A exemplo disto são: as apresentações de boi bumbá, de cordões e pássaros e de bichos, estas ocorriam em meados de 1950 voltadas para um sentido mais lúdico. No entanto, haviam as festividades religiosas, essas tomavam uma dimensão que envolvia maior fluxo econômico e de pessoas de outras comunidades.

“A ocorrência de festas religiosas enseja uma série de outros eventos específicos associados: bingos, leilões, bailes dançantes, dentre outros. O núcleo festivo composto por procissão/reza/liturgia implica na existência combinada de outras atrações festivas não exatamente religiosas. Estas demais atividades somam-se ao foco central do evento na atração de devotos de dentro e de fora da comunidade, produzindo uma movimentação deromeiros que vem a Vila do Cravo, mas que podem se deslocar para as festas das comunidades próximas. Cria-se desse modo um circuito de participação em festas religiosas que tende a envolver com maior eficácia, os moradores das comunidades situadas a margem da rodovia PA-140 e de alguns igarapés da bacia do rio Bujarú.” (COSTA e MACEDO, 2010, p.112)

Diante de algumas mudanças na dinâmica infra-estrutural vivida pela comunidade houve também uma mudança nos padrões de festejar. Após a abertura da rodovia Bujarú/

⁴ Instrumento de origem árabe

Tomé-açu na década de 1960, veio a facilidade do transporte tanto para os frequentadores quanto para as atrações que estavam por vir, as *Festas Tradicionais* e *Festa de Carretinha*.

As festas não-religiosas podem ser divididas entre *Festas tradicionais* (categoria nativa) ou *Festa de Carretinha*. As *festas tradicionais* são aquelas que trazem como atração principal as aparelhagens, que são grandes estruturas sonoras de alta tecnologia, normalmente controlada por dois DJs, que prima por usar do lúdico em suas estruturas com telões de LED e “naves” no formato referente à sua proposta. O calendário festivo é dividido entre as sedes de festa da comunidade da seguinte maneira: as festas de janeiro e setembro acontecem na sede do Bom Jesus⁵; as de julho e novembro acontecem na sede⁶ do Bragantino.

As *festas de carretinha* acontecem sem calendário pré-estabelecido e sem lugar fixo, nas entrevistas feitas com moradores mais antigos da comunidade é dito que esse tipo de festa acontece todos os dias, e que a qualquer momento pode iniciar uma festa. A carretinha consiste em pequenas ou médias estruturas de som que são acopladas a carros particulares. Sua facilidade de locomoção e baixo custo (comparado a uma aparelhagem) viabilizam essa rapidez em fazer festa.

A CONFLITUALIDADE DAS FESTAS DO CRAVO

A Vila do Cravo e seu entorno é marcado por disputas por território em vários sentidos, simbólico ou material. A recente instalação da empresa BioPalma⁷, onde 90% das ações pertencem ao grupo Vale, vem provocando a expansão do Dendê e, assim, mudanças na paisagem camponesa ao longo da PA-140 em Concórdia do Pará.

A partir da expansão dos campos de Dendê, corrida por terra e desterritorialização (por consequência a reterritorialização) dos povos camponeses, fortalece práticas de resistência por parte deste, a exemplo o movimento que fizeram junto a Secretaria Municipal de Meio Ambiente, solicitando providências em relação à insalubridade dos igarapés pós instalação da Biovale (GOMES, MACEDO e SILVA, 2016).

Isso demonstra tanto a defesa de um território material, quanto simbólico, uma vez que estas comunidades possuem forte ligação com o igarapé. Tal ligação é histórica onde, no

⁵Fundada em 1949 essa sede dispõe de um campo de futebol e um espaço amplo com salão destinado as festas, a sede do Bragantino possui a mesma estrutura.

⁶Ambas as sedes têm ligação com clubes da comunidade, pois as festas aconteciam após torneios de futebol, assim começam as festas tradicionais da Vila do Cravo.

⁷Também chamada de BioVale.

passado, o mesmo era utilizado para transportar os moradores até as festas de outras comunidades. Recentemente, os Igarapés são utilizados para confraternização em Balneários⁸, ou até mesmo, as festas de carretinha são realizadas à beira dos igarapés.

O conflito também está presente nos festejos, onde, percebemos alguns problemas com relação à festa de carretinha, a um balneário que fora instalado próximo ao arraial⁹ do Cravo e, ainda, com relação às festas realizadas nas sedes, onde comumente ouvimos disputa (marcada na fala de entrevistados) em relação a qual sede realizou a melhor festa. Tais conflitualidades denotam e compõem a pluralidade das disputas territoriais na comunidade do Cravo, onde há a expansão territorial da BioVale e, como consequência, a resistência dos camponeses. E temos, também, a disputa simbólica e material com relação aos festejos.

O BALNEÁRIO SENZALA

A comunidade do Cravo, como já citamos, têm forte ligação com a religiosidade cristã Católica, principalmente com a santa padroeira, Nossa Senhora das Graças. A comunidade dedica o mês de maio inteiro para a festividade, com novenário, bingos, missas, fogos na alvorada¹⁰, que anunciam o início de mais uma festividade. Há respeito por todos da comunidade com relação ao “território da Santa”, que corresponde às proximidades da igreja, a exemplo são as igrejas protestantes, que são situadas distantes do dito território.

Em 2014, fora construído um Balneário chamado Senzala, espaço amplo e dotado de boa infra-estrutura, tudo para atender grandes festejos que ali seriam realizados. No entanto, o Balneário era localizado próximo a igreja (mapa 1), o que causou estranhamento e desaprovação dos moradores da comunidade, principalmente os moradores mais antigos.

⁸ São bares situados a margem do igarapé e dispõem de estruturas como salão de dança com piso de cimento cru, essas estruturas foram criadas após a abertura da rodovia, momento em que há um retorno das famílias que foram para Belém ao Cravo. Ver MACEDO (2015)

⁹ Em COSTA e MACEDO (2010), nos apresenta o arraial como o entorno da igreja, a praça central, onde geralmente ocorrem os festejos religiosos.

¹⁰A Alvorada da vila acontece com fogos de artifício, essa tradição de anunciar o início das festividades da igreja é também usada para anunciar a chegada das grandes aparelhagens na comunidade e o início da festa.

Arraial do Cravo



Mapa de localização do Arraial do Cravo- Fonte: SILVA, G. 2017

A partir do mapa, podemos observar não somente a proximidade do balneário com a igreja, como também com a Escola João Braga de Cristo. Isto gerou outro conflito, uma vez que eram realizadas festas durante as segundas-feiras e muitos alunos da escola participavam da mesma e, por consequência, faltavam aula. A escola atende moradores de 8 comunidades do entorno, para o deslocamento dos alunos é disponibilizado pela prefeitura dois ônibus. No período noturno funciona a modalidade de educação chamada EJA (educação para jovens e adultos). Segundo a coordenadora da escola, em entrevista em maio de 2017, muitos alunos vinham de suas comunidades no ônibus escolar, no entanto não iam para a escola, participavam da festa no balneário e voltavam para suas casas no ônibus escolar. Além de alguns alunos da escola, o balneário também era frequentado por pessoas que vinham em piqueniques¹¹ promovidos pelos donos do local, normalmente voltado para os filhos do cravo residentes em Belém e de comunidades do entorno da vila.

¹¹ O piquenique se tornou uma estratégia dos donos dos balneários que ainda funcionam na vila, como forma de promover o turismo na vila e aumentar seus lucros.

Para Sack (2013, p. 76), territorialidade é a “tentativa, por indivíduo ou grupo, de afetar, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos e relações, ao delimitar e assegurar seu controle sobre certa área geográfica”. Partindo do exposto entendemos que a territorialidade do balneário afetou o modo de vida dos moradores mais antigos, principalmente por desrespeitar o “território da santa” (a área geográfica), território este carregado de simbolismo e parte da identidade da parcela de moradores que exercem a fé católica. O Balneário fechou as portas em 2015, após várias reclamações de moradores e da própria escola. Principalmente após uma festa com a cantora Viviane Batidão, onde ocorreram brigas dentro do balneário, o que fora visto como forte desrespeito ao território da santa.

AS FESTAS TRADICIONAIS E FESTA DE CARRETINHA

Diante de conversa com moradores sobre suas relações com a festa, notava-se em suas falas a importância de como tal evento repercutiria nas comunidades do entorno, assim as festas eram medidas por quantidade de público pagante e o porte do som. Na fala de João Macedo, morador da vila e frequentador das festas de antigamente, nota-se a preocupação entre qual sede houve a melhor festa:

“A melhor festa que teve aqui no Cravo foi em 2007, na quadra do bragantino, teve 1350 pagantes, na aparelhagem do Rubi, que naquela época tava estourado em Belém, não tinha espaço naquele lugar, e não parava de chegar “caboco”, tinha gente de tudo quanto era lugar ao redor do Cravo, foi a maio festa daqui, deu o que falar em todas as comunidades daqui de perto, e eu tava lá” (entrevista realizada em julho de 2017)

Nessa fala fica estabelecida as preocupações sobre a repercussão da festa nas outras comunidades, visto que as festas da comunidade mobilizam pessoas dos municípios de Bujarú, Acará, Concórdia e Belém, além das comunidades vizinhas: Curuperé, Curuperezinho, Foz do Cravo, Castanhalzinho, Km35, Km39, Km40. A festa tradicional de julho de 2017 chegou a mobilizar gente dos municípios de Santa Izabel, Marituba e Alça Viária, estes compõe a região metropolitana de Belém, por conta de um campeonato de futebol que fora marcado para anteceder a festa.

A preocupação do entrevistado em ressaltar o número de pagantes se dá principalmente por estas festas primarem o lucro, como nos apresenta COSTA e MACEDO (2015, p. 115):

“Poucos são os que conseguem cortesias para entrada gratuita, caso de algumas poucas pessoas ligadas à organização do evento. Isso ocorre porque estas festas visam o lucro, a ser repartido entre o pagamento da aparelhagem e dos trabalhadores que prestaram serviço durante o evento (policiais, seguranças particulares, bilheteiros, garçons, dentre outros).” (COSTA e MACEDO, 2015, p. 115)

A mobilização da comunidade diante da festa chama a atenção. Para a festa mais importante de Julho a divulgação foi feita desde Maio, em todos os bares, mercearias e balneários havia uma placa indicando a *festa tradicional* daquele período, a divulgação do evento feito pelas rádios locais, de Concórdia e Bujarú, sites da aparelhagem que tocará na festa (a carroça da saudade nesse caso) e a disposição de faixas com o anúncio das festas no decorrer da rodovia PA-140 e no porto da balsa em Bujarú (foto 1), a rodovia é o ponto de interface entre as comunidades, é diante dessa divulgação que as outras comunidades tomam conhecimento de onde vai ter festa.



Foto 1 – As placas no porto da balsa em Bujarú – Fonte: Seixas (2017)

Há preparação para o acontecimento do evento, onde parte do dinheiro recebido com o trabalho do roçado é utilizado na consumação da festa. A partir de entrevistas percebe-se que nesse momento o calendário festivo da comunidade se torna também o calendário de reuniões em família, à medida que essas datas festivas se tornam uma data de reunião com o retorno das pessoas que moram fora da Vila e retornam no período da festa para fortalecer os vínculos com os familiares e as pessoas da comunidade e participar da festa. Reforçando que esta é

lócus de sociabilidade e permite o (re) encontro com familiares e amigos moradores de fora, que esperam por esse evento.

“(…) a definição de festa como suspensão da vida social ordinária em que se possibilita uma espécie de “renovação moral” que fortalece os laços da solidariedade grupal está na base de quase todas as reflexões e estudos subsequentes sobre os sentidos da festa” (COSTA, 2007 p. 98)

Mesmo não sendo consenso, a *festa tradicional* é mais bem vista pelos moradores da comunidade do que as *Festas de Carretinhas*. A *Festa Tradicional* carrega memória, uma vez que acontece desde meados de 1990. João Macedo e André da Silva nos relatam com nostalgia sobre as festas tradicionais que traziam as mais famosas aparelhagens da época, como o Rubi e Luxuoso Jackson¹², relatam também a importância do Igarapé nestas festas, onde, após o término da festa (pela manhã do dia posterior ao início da festa) a “ressaca” era curada às margens do Igarapé do Cravo, o que não acontece hoje em dia devido à insalubridade do igarapé. Através do que fora exposto, nos permite retomar sobre a importância simbólica e material do Igarapé.

As festas tradicionais também são marcadas por reencontro, onde há a participação de moradores de várias gerações (Jovens acima de 18 anos em diante) e, ainda, os filhos do Cravo que, hoje em dia, residem em Belém e que retornam para a Vila nos dias das grandes festas.

Diferente da *festa tradicional*, a *festa de carretinha* traz aos moradores uma preocupação, tanto com a insegurança, no sentido de que as pessoas que frequentam esta são “desconhecidos”, onde frequentemente ônibus de passeio, oriundos de Belém, acompanham as carretinhas até a comunidade. Tanto pela frequência de jovens menores de idade nesse tipo de festa. Novamente a forte ligação com a religiosidade leva os moradores a se incomodarem com a regularidade que essa festa assumiu na comunidade, não respeitando nem os dias sagrados como os domingos, o 1º dia de novena que dá início à festividade da santa padroeira, os dias de quaresma. Por não ter calendário fixo, as festas de carretinha têm assiduidade muito grande na comunidade, como já citado anteriormente, a facilidade de transporte e o baixo custo são fatores inegáveis para a regularidade das festas.

¹²Estas aparelhagens tocaram em sedes diferentes;

Os mais jovens são o público que comparecem nessas festas e tem preferência por carretinhas oriundas da região metropolitana Belém, dentre elas estão as mais badaladas: Carretinha Nega Vigarista e Carretinha Chopp Sound, de Marituba e a Carreta Mal Criada, da alça viária. De acordo com os moradores esse tipo de festa prejudica as *Festas Tradicionais*, quando realizadas no mesmo dia desta última.

As carretinhas são realizadas nos balneários, pela facilidade de montar o equipamento, começam antes das festas com aparelhagens, uma vez que para montar as superestruturas das aparelhagens levam metade do dia (podemos perceber isto através da foto 1 e 2), o público passa a consumir primeiramente nas carretinhas e acabam não participando, ou não consumindo muito, nas festas tradicionais. Para tanto, o festeiro¹³ trouxe para a festa de Julho de 2017 três carretinhas, que iniciaram suas apresentações apenas depois da apresentação da aparelhagem, ou seja, as carretinhas se fazendo presente e se territorializando na festa tradicional.



Foto 1: Aparelhagem carroça da saudade Fonte: Seixas 2017

¹³Promotor da festa (linguagem nativa)



Foto 2: carreta Chopp Sound Fonte: Google 2017

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após vivenciar um pouco do cotidiano festivo do *lócus* da pesquisa através do trabalho de campo, observamos que a dinâmica festiva dessa comunidade tem um papel socializador, para Costa (2007)

“A festa, percebida em sua dimensão histórica e social, é uma prática que está inserida no campo dos conflitos e negociações desenvolvidas na sociedade. A festa popular, na sociedade urbana e industrial, é um fenômeno complexo que abarca mediações econômicas (empreendimentos, oferecimento de bens culturais) e políticas (sistemas de troca de interesses, conflitos por poder e prestígio). Por conta disso, ela não pode ser considerada unicamente como expressão da alienação de um ou vários grupos sociais ou, num pólo oposto, como meramente um mecanismo de “resistência” à indústria cultural ou a esta entidade opaca que é a “cultura dominante”. Trata-se de uma experiência cultural mutante ligada às diversas esferas da vida social, cuja reprodução está condicionada à multiplicidade de interesses de agentes internos e externos ao evento.” (COSTA, 2007.)

A resistência camponesa não pode ser pensada desarticulada do seu modo de vida, ou seja, ela se forja a partir de elementos cotidianos, que fazem parte da vivência e de elementos simbólicos que permitiram a construção identitária daquele grupo, “tratar o território entende que o local se ergue como elemento importante na construção da resistência e luta” (FABRINI, 2007, p.23). Sendo assim, é importante pensar tais elementos na Vila do Cravo, onde na última década houve intensa expansão do capital monopolista.

“O campo é entendido como o lugar para o exercício de uma dinâmica sócio-econômica e territorial, onde as pessoas, através de relações horizontais, criam diversas alternativas econômicas, exercitando uma espécie de governança a partir do

local, oferecendo-lhes uma saída às pressões da globalização.” (MARSCHNER, 2011, p. 48)

A partir da fala de Marschner (2011) e Fabrini (2007), entendemos que é imprescindível discutir as ações locais e modo de vida camponês desvinculando isto da resistência, ao passo que o camponês reafirma a sua existência mantendo seu modo de vida, seja ele ligado ao roçado, à religiosidade ou festas tradicionais, ou estes três juntos.

Referências Bibliográficas

COSTA, Antônio Maurício Dias Da. **Festa na Cidade: O Circuito Bregueiro de Belém do Pará**. Belém: [s.n], 2007

_____. MACEDO, Cátia Oliveira. **“Festa de antigamente é que era festa”**: memória, espaço e cultura numa comunidade camponesa do nordeste paraense. In: Revista estudos amazônicos. Vol.V, nº 2 (2010), p. 105-124

FABRINI, João Edimilson. **A resistência camponesa para além dos movimentos sociais**. Revista Nera. Ano 10, nº 11. Presidente Prudente, Julho/Dezembro, 2007. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1406>> acesso em: 25/05/2017.

GOMES, Dérick Lima; MACEDO, Cátia Oliveira; SILVA, Fabiana Carneiro da. **Expansão territorial do dendê e resistência camponesa no nordeste Paraense**. Revista Caminhos de Geografia. Uberlândia, v. 17, n. 57 Mar/2016 p. 191–200. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/29936>> Acesso em: 20/04/2017

MACEDO, Cátia Oliveira. **“Invenção” e resignificação do território camponês na comunidade do Cravo – Nordeste Paraens**. In: Revista de geografia (UFPE) Vol. V. 32, nº3, (2015), p. 181-201

MARSCHNER, Walter. **Lutando e resignificando o rural em campo – notas epistemológicas**. Revista Interações. Campo Grande, v. 12, n. 1 p. 41-52, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/inter/v12n1/05.pdf>> Acesso em: 20/04/2017

SACK, Robert David. **O Significado de Territorialidade**. In: DIAS, Leila Christina; Ferrari, Maristela (Org.). **Territorialidades humanas e redes sociais**. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2013.